

Alívio como o pai, mas eficiente e prático, ele já tinha providenciado tudo, inclusive o aluguel do avião, uma dessas centenas de pequenas aeronaves que fazem, meio informalmente, o serviço de táxi aéreo entre as fazendas do Mato Grosso do Sul.

Bem-humorado, o poeta conversa animadamente e nos pergunta se temos medo de voar de teco-teco. Tranquilizamos nosso anfitrião e decolamos rumo ao Pantanal. João, que também é aviador, senta-se no lugar do copiloto. Manoel e eu ocupamos os assentos intermediários. Vira vai atrás, com seu equipamento. Retomo a conversa com o poeta apesar do barulho que faz o monomotor. “Temos também um avião na fazenda, mas está precisando consertar. Fica caríssimo e nesse momento todos os fazendeiros do Pantanal estão trabalhando no vermelho”, queixa-se. Observo-lhe que agora, com o prêmio do Ministério da Cultura, isso não vai ser problema. O poeta ri: “Nada disso. Esse dinheiro é para fazer bobagem”.

Voar sobre a extensão do Mato Grosso do Sul não é novidade para Manoel de Barros, que viveu dez anos seguidos retirado na fazenda que tinhamos visitar. O velho poeta relata esse período de sua vida. “Quando ainda estava no Rio de Janeiro, um amigo meu se estabeleceu como advogado em Corumbá e me propôs sociedade no escritório. Voltei para cá e comecei a trabalhar sem muito entusiasmo. Percebendo isso, meu pai conseguiu um cartório para mim, achando que assim eu me fixaria definitivamente por aqui. Mas não era isso que eu queria. Percebi que lá passar o resto de minha vida num ambiente estreito, limitado, carimbado papéis. Eu era um sonhador, queria fazer grandes coisas, então fugi. Com isso, dei muito desgosto aos meus pais.”

João interrompe para apontar: “Aquele é o rio Negro. Lá em baixo está o planalto, onde ficam os cultivos de lavoura, daqui até a região de Dourados. No Pantanal é só pecuária”. O pecuarista Manoel completa a informação: “Criamos gado nelore. É um boi resistente, de umbigo curto. Isso é importante porque o zebu de umbigo comprido acaba se ferindo ao atravessá-lo pelo cerrado e morre das infecções. Aqui a pecuária é extensiva, o gado é criado solto”. O poeta retoma o fio autobiográfico: “Alguns anos depois, quando meu pai morreu, deixou uma fazenda para cada um dos sete filhos. Eram todas fazendas montadas, menos a minha. Eu, que só tinha gastado dinheiro, recebi a terra nua. Logo quis vender, mas

já era casado. Stella, como boa mineira, foi contra. Propôs que viéssemos para cá montar a fazenda. O nome Santa Cruz é uma homenagem à fazenda do avô dela, em Minas, onde foi criada. Ficamos dez anos aqui, eu só saía para renovar título no banco”.

## PAISAGEM

Começamos então a sobrevoar o chapadão que separa o planalto da região do Pantanal. Uma parede impressionante vai se recortando em queda abrupta ao longo de uma extensa linha perpendicular ao horizonte. A parte baixa já é o Pantanal, com seu terreno arenoso, muito plano, onde a vegetação verde-escura é pontuada por inumeráveis áreas circulares que ostentam o verde-claro das gramíneas. São as pastagens do gado pantaneiro. No centro de quase todas, uma área mais escura formada pelas lagoas. “Não é a época mais bonita, estamos na seca. Quando chove, as lagoas se enchem, inundam tudo, e o gado se refugia nas partes altas do cerrado”, informa Manoel.

Serpenteando entre a vegetação e os banhados, pequenos rios – que os pantaneiros chamam corixos – estabelecem a conexão entre as lagoas e os rios maiores. Avistamos então um deles, esticando-se preguiçosamente atrás de um aglomerado de vegetação compacta onde se distinguem os sinais de uma casa com suas cercas e outras benfeitorias. É o rio Taquari que banha a fazenda Santa Cruz. Pontinhos brancos se espalham por toda a extensão de terreno, são os dorsos dos nelores pastando ali. Estamos chegando. O avião faz uma longa curva panorâmica para que apreciemos melhor a paisagem e o campo de pouso aparece à nossa frente.

A casa da fazenda é austera, sem luxos. Na verdade, são duas casas, uma de madeira, modesta e quase tosca, que Manoel construiu para viver com a mulher e os filhos durante o seu exílio no Pantanal; e uma outra ampliada em alvenaria – hoje a verdadeira sede –, que no entanto preservava a integridade da pitoresca casinha original. No pátio em frente, duas frondosas ingazeiras plantadas por Stella dão testemunho daqueles tempos.

Sentado na varanda, Manoel admite: “Nunca escrevi uma linha aqui. Na fazenda, sou apenas fazendeiro”. A despeito do calor abrasador, ele